

MOTIVAÇÃO DO ALUNO DURANTE O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

STUDENT MOTIVATION DURING THE TEACHING-LEARNING PROCESS

Carolina Roberta Moraes¹

Simone Varela²

Resumo: Este trabalho foi desenvolvido com foco no fator motivação do aluno no processo ensino-aprendizagem, voltado em específico para crianças da primeira série do Ensino Fundamental. Para desenvolvê-lo, partiu-se da hipótese da ausência de planejamento das aulas por parte do professor e da sua ausência no conhecimento da vida social do aluno. Desta forma foi levantado o conhecimento, através de referencial teórico, dos fatores que levam a motivação, possibilitando a conhecimento da origem da desmotivação e a verificação do professor e da família neste processo. Com base neste estudo foi realizada uma pesquisa, através de questionário, direcionada aos professores e pais de alunos da primeira série do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Londrina-PR. Com base nestes conhecimentos e resultados foram propostas alternativas para estimular a motivação dos alunos, tais como: o direcionamento às necessidades práticas da sobrevivência, cada vez mais acirrada e competitiva nos dias de hoje; a importância da conscientização pedagógica destas necessidades; a importância do acompanhamento personalizado de cada aluno pelo professor, de forma a poder direcioná-lo adequadamente; a importância de existir um projeto coletivo escolar com esta visão; o acompanhamento personalizado permite detectar tempestivamente qualquer alteração comportamental do aluno, possibilitando a tomada de medidas preventivas de apoio e resgate do aluno e ainda detectar excessos de cobrança com relação à sua capacidade, muito freqüente no meio familiar e às vezes também no educacional.

Palavras Chave: motivação, estimulação, relacionamento professor/aluno.

Abstract: This work was developed with focus in the factor motivation of the pupil in the process teach-learning, directed in specific toward children of the first grade of Basic Ensign. To develop it, it was broken of the hypothesis of the absence of planning of the lessons on the part of the teacher and its absence in the knowledge of the social life of the pupil. Of this form the knowledge was raised, through theoretical referencial, of the factors that take the motivation, making possible the knowledge of the origin of the discouragement and the verification of the teacher and the family in this process. With base in this study a research was carried through, through questionnaire, directed to the professors and parents of pupils of the first grade of Basic Ensign of a located public school in the city of Londrina-PR. With base in these knowledge and results they had been alternative proposals to stimulate the motivation of these pupils, such as: the aiming to the practical necessities of the survival, each

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Filadélfia, UNIFIL-Londrina-PR, tendo como orientadora a Prof^a. Ms. Simone Varela.

² Orientadora da pesquisa. Docente no Curso de Pedagogia do Centro Universitário Filadélfia – Unifil. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: monirela@sercomtel.com.br .

incited and competitive time more nowadays; the importance of the pedagogical awareness of these necessities; the importance of the personalized accompaniment of each pupil for the teacher, form to be able to direct it adequately it; the importance to exist a pertaining to school collective project with this vision; the personalized accompaniment allows to timely detect any mannering alteration of the pupil, making possible the taking of writs of prevention of support and rescue of the pupil and still to detect excesses of collection with relation to its capacity, very frequent in the family way and to the times also in the educational one.

Word-key: motivation, stimulation, relationship teacher / student

Introdução

Este artigo tem como temática central à motivação do aluno, no processo ensino-aprendizagem. A problemática da pesquisa realizada consistiu em descobrir possibilidades para tornar motivador o ato de estudar.

O fator de motivação humana está sujeito a algumas necessidades e, conforme a teoria de Maslow, tem sua origem nas necessidades primárias. Uma vez satisfeita estas necessidades, o ser humano passa a buscar as seguintes. A criança, por estar em formação, apresenta um quadro de motivação adaptado a esta teoria, sendo necessário que os seus responsáveis compreendam os estímulos que a motivam ao aprendizado, devendo ainda entender que o seu comportamento pode variar de acordo com o meio em que vive.

Parte-se do pressuposto de que a desmotivação interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem, e entre as causas da falta de motivação, o planejamento e o desenvolvimento das aulas realizadas pelo professor são fatores determinantes. O professor deve fundamentar seu trabalho conforme as necessidades de seus alunos, considerando sempre o momento emocional e as ansiedades que permeiam a vida do aluno naquele momento.

Para efetuar a referida pesquisa, objetivou-se conhecer os tipos de motivação; a importância do relacionamento familiar na motivação; as origens da desmotivação dos alunos; a importância do relacionamento professor/aluno e a influência em sua motivação; e alternativas a serem

desenvolvidas ao longo do processo de ensino-aprendizagem que motivem os alunos através da interatividade professor/família.

Motivação do Aluno no Processo Ensino-Aprendizagem

A motivação humana é observada desde tenra idade, sob diferentes formas. O bebê que busca a satisfação de sua fome, somada ao aconchego de um colo quente e acolhedor, demonstra, ao sugar o peito ou uma mamadeira, possuir motivação de sobra, através de seu instinto e da fisiologia que lhe cobra a nutrição e os afetos, expressos pelo choro, por vezes intensos e fortes, e os movimentos mais bruscos de braços e pernas. Em outra época, cujo desenvolvimento permite certa independência de movimentos de locomoção e manipulação de objetos, vê-se outras possibilidades inerentes ao tipo de motivação na criança. No brincar, especial circunstância do cotidiano infantil, encontra-se rica fonte de informações acerca de seu mundo interno: suas emoções e pensamentos.

Conforme Bzuneck (2000, p. 9) “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”.

A motivação pode ser entendida como um processo e, como tal, é aquilo que suscita ou incita uma conduta, que sustenta uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido (BALANCHO e COELHO, 1996).

Neste caminho, NOT (1993) afirma que “toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção”. No campo da psicologia esse dinamismo tem sua origem nas motivações que os sujeitos podem ter. Portanto, observa-se a forte presença de motivação por meio de determinada atividade, presente em uma criança de tenra idade, aos dois anos, por exemplo.

Acompanhando o crescimento da criança, nota-se novo momento de se construir a motivação. Uma forma de exemplificar este processo na psicologia infantil ocorre por meio da análise das competências adquiridas. Tornar-se competente em seu meio social, leva a criança à motivação. Uma

habilidade motora específica nos esportes pode ser desenvolvida e este fator é capaz de acionar o desejo de se empreender tal atividade com determinado empenho. O reforço externo, relativo à performance das habilidades adquiridas vindo dos pais e conhecidos, possibilita o incentivo a motivação. Se a performance for percebida pela criança, ao adquirir um aperfeiçoamento, então, poderá levá-la a uma boa auto-estima, e também à motivação intrínseca ou interna. Por outro lado, a criança que pouco percebe as suas competências, necessita de maior estímulo externo, possui baixa auto-estima e demonstra-se ansiosa, e ainda, enxerga pouca perspectiva de melhora em suas habilidades.

As pessoas podem perder a motivação, quando as necessidades básicas não são satisfeitas, desde fisiológicas até as do ego. Para Maslow (apud HERSEY e BLANCHARD, 1986) o comportamento é ditado por motivos diversos, resultantes de necessidades de caráter biológico, psicológico e social, hierarquizados como uma pirâmide (figura 1).

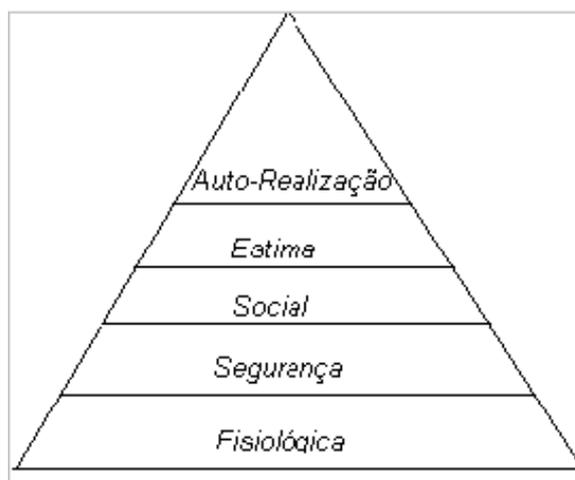


Figura 1 - Hierarquia das Necessidades de Maslow
Fonte: Harsey e Blancard (1986)

Na base da pirâmide, encontram-se as necessidades fisiológicas, como moradia, alimento, roupa. Tendem a ser mais intensas, enquanto não forem satisfeitas; são as necessidades básicas para a subsistência.

À medida que essas necessidades são satisfeitas, a motivação direciona-se para outra necessidade e passa a dominar o comportamento da pessoa. Assim o é para todos os níveis da pirâmide.

A seguir, vem a necessidade de segurança. Esta é essencialmente, a necessidade de estar livre do medo, de perigo físico e da privação das necessidades fisiológicas básicas, pensa no futuro. Dito de outro modo, é a necessidade de autopreservação.

Satisfeitas as necessidades fisiológicas e de segurança, surge a social ou de participação. Como o homem é um ser social, precisa ter um grupo de convívio em que é aceito e desempenha um papel. Porém, esse papel não é qualquer um, surge, então a necessidade de estima, tanto a auto-estima como o reconhecimento pelos outros. A satisfação dessa necessidade produz sentimentos de confiança em si mesmo, de prestígio, de poder, de controle. Quando não satisfeita pode produzir comportamento destrutivo ou imaturo para chamar atenção. O indivíduo pode se tornar rebelde, pode negligenciar seu trabalho ou discutir com os companheiros.

Finalmente, vem a necessidade de auto-realização que é essencialmente o sentimento de maximizar seu próprio potencial, seja qual for. Um músico precisa tocar música, um poeta precisa escrever, um jogador de futebol precisa jogar. A maneira como se expressa pode mudar no decorrer da vida. Um atleta que deixa de sê-lo e deseja ser técnico, por exemplo.

É importante notar que essa pirâmide não se aplica universalmente, mas pode ser empregada em muitos casos. Outra questão é a de que as necessidades não precisam ser satisfeitas totalmente antes de surgir outro nível de satisfação. O que ocorre é que há áreas de contato entre elas.

A pirâmide tem como característica importante a visão de um indivíduo contemplado em seu todo, daí a importância de sua aplicabilidade na escola. Uma criança cujos sentimentos de segurança e senso de pertencer estão ameaçados por divórcio pode ter pouco interesse em aprender a dividir frações (WOOLFOLK, 2000).

A MOTIVAÇÃO E O ALUNO

Segundo Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 20) “não se pode contar ainda com uma teoria geral compreensiva nem da motivação humana nem mesmo da motivação do aluno”.

O tema motivação ligado à aprendizagem está sempre em evidência nos ambientes escolares, impelindo professores a se superar ou fazendo-os recuar, chegando à desistência nos casos mais complexos. Porém, ela tem um papel muito importante nos resultados que os professores e alunos almejam.

Hoje já se sabe que a motivação é algo visceral, um sentimento, ou se tem ou não se tem. Isso não quer dizer que não se possa fazer nada para que as pessoas consigam vivenciá-la.

Conforme Bzuneck (2000, p. 10) “toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talentos, conhecimentos e habilidades, que poderão ser investidos numa certa atividade”.

Os mesmos autores afirmam ainda que “na vida humana existe uma infinidade de áreas diferentes e o assunto da motivação deve contemplar suas especificidades” (BZUNECK, 2000, p. 10).

Cabe, aqui, fazer uma diferenciação entre interesse e motivação. As coisas que interessam, e por isso prendem a atenção, podem ser várias, mas talvez nenhuma possua a força suficiente para conduzir à ação, a qual exige esforço de um motivo determinante da nossa vontade.

O interesse mantém a atenção, no sentido de um valor que deseja. O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências que dificultam a execução do ato.

Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência deve estar motivado, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente dependentes de motivação, como esporte, lazer, brinquedo, ou trabalho profissional (BZUNECK, 2000, p. 10).

Quantas vezes o professor prepara uma atividade que ele achou que prenderia a atenção de seus alunos, que os levaria adiante, que os faria buscar as informações que eram necessárias, porém, ao executá-la, não conseguiu o envolvimento que esperava deles.

A motivação do aluno, portanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto (BROPHY, 1983 apud Bzuneck 2000, p. 11)

Nem sempre os alunos percebem o valor dos trabalhos escolares, pois, muitas vezes, não conseguem compreender a relação existente entre a aprendizagem e uma aspiração de valor para a sua vida. O que faz com que eles não se envolvam no trabalho.

Para Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 13) “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem”. E, ainda, “à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias” (BUROCHOVITCH & BZUNECK 2004, p. 15).

Quanto mais avançada as séries, os problemas tendem a ser mais complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originaram nas séries iniciais e por sofrerem influência das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas, aliadas às características evolutivas do aluno (BUROCHOVITCH & BZUNECK, 2004, p.15).

Do ponto de vista humanístico, motivar os alunos significa encorajar seus recursos interiores, seu senso de competência, de auto-estima, de autonomia e de auto-realização.

Na motivação aqui vista, competência não é atributo de quem faz bem feito, mas sim de quem consegue despertar nos outros a vontade de fazer

bem feito. Competência relaciona a habilidade técnica (melhor maneira de fazer o seu trabalho) e a habilidade comportamental.

Para Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 17) “níveis excessivamente elevados de motivação rapidamente acarretam fadiga”. Complementa ainda que “em termos quantitativos, a motivação ideal no contexto das tarefas escolares não pode ser fraca, mas também não deve ser absolutamente a mais alta” (2004, p. 18).

CONCEITUANDO AS MOTIVAÇÕES INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA

O segredo motivacional do aprendizado escolar está em conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança (pela autopercepção dos avanços obtidos e o processo necessário), segundo Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37) “a motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação”, com o apoio da motivação extrínseca ou externa (avaliação dos adultos, informações a respeito, elogios verdadeiros, etc).

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades [...] diversos autores consideram as experiências de aprendizagem propiciadas pela escola como sendo extrinsecamente motivadas, levando alguns alunos que evadem ou concluem seus cursos a se sentirem aliviados por estarem livres da manipulação dos professores e livros (Burochovitch & Bzuneck, 2004, p. 45-46).

Os professores que confiam em um estilo relativamente controlador estabelecem para seus alunos formas específicas de comportamentos, sentimentos ou de pensamentos, oferecendo incentivos

extrínsecos e conseqüências para aqueles que se aproximam do padrão esperado. No ambiente de sala de aula o controle é a principal característica.

Salisbury-Glennon & Stevens consideram que por desconhecimento, muitas vezes os professores são levados a acreditar que controlar a motivação de seus alunos através de recompensas ou pressões externas é sua única possibilidade de intervenção, pois, de acordo com o senso comum, a motivação 'é algo que vem de dentro' podendo ser modificada apenas pelo próprio indivíduo (1999 apud Burochovitch & Bzuneck, 2004, p. 49).

A motivação deve receber especial atenção e ser mais considerada pelas pessoas que mantêm contato com as crianças, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento. A motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros.

Pais, educadores e especialistas que lidam com as crianças podem levar em conta a construção motivacional na infância, antevendo as suas decorrências futuras, tais como a autopercepção e o hábito de desenvolver a motivação intrínseca, reduzindo a necessidade de buscar motivação extrínseca para a realização de alguma tarefa.

Para Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37) a motivação intrínseca proporciona a sensibilidade no aluno de que “a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento”.

Este tipo de desenvolvimento requer acompanhamento, contato e participação. Os afetos devem estar presentes, uma vez que são fonte fundamental de motivação, além das informações que se fazem presentes em cada situação. Boa dose de paciência e vontade complementam o arsenal de instrumentos necessários ao adulto para que colabore quanto ao desenvolvimento motivacional da criança.

A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou de instrução, mas pode ser influenciada principalmente pelas ações do professor.

Embora não se desconsiderem as crenças, conhecimentos, expectativas e hábitos que os estudantes trazem para a escola, a respeito da aprendizagem e da motivação, o contexto instrucional imediato, ou seja, a sala de aula, torna-se fonte de influência para o seu nível de envolvimento

Os professores facilitadores da autonomia de seus alunos nutrem suas necessidades psicológicas básicas de autodeterminação, de competência e de segurança. Para que isso ocorra, eles oferecem oportunidade de escolhas e de *feedback* significativos, reconhecem e apóiam os interesses dos alunos, fortalecem sua auto-regulação autônoma e buscam alternativas para levá-los a valorizar a educação, em suma, tornam o ambiente de sala de aula principalmente informativo.

De que maneira os adultos compreendem a motivação na infância? Que tipo de acompanhamento é oferecido à criança, visando o seu desenvolvimento global e, particularmente o desenvolvimento da motivação? Que respostas relacionadas à motivação podem ser esperadas de um adulto que pouco desenvolveu a sua capacidade motivacional intrínseca na infância?

Ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental. A criança se sente motivada a executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realiza. Os bons motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural da criança, além de gerar harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

A motivação intrínseca é compreendida como sendo uma propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse individual e exercitar suas capacidades, buscando e alcançando desafios ótimos (BUROCHOVITCH & BZUNECK , 2004, p. 39).

A motivação infantil tem lugar de destaque no desenvolvimento de nossa espécie. Não é algo que deva ser fonte de preocupação posterior. É no aqui e agora que as coisas acontecem. Esta oportunidade pode passar, e

então, criar dificuldades em outro momento. Colaborar já é motivo de boa qualidade no convívio atual e especial preparação para o futuro.

Análise e Discussão dos Dados da Pesquisa

O universo da pesquisa se constituiu em quarenta alunos com idade entre 6 e 8 anos, estudantes de duas turmas da primeira série de uma Escola Municipal do Ensino Fundamental da cidade de Londrina-PR; pais e professores dos referidos alunos

A análise dos resultados (observação e entrevista com os alunos e questionários aplicados aos pais e professores), ocorreu a partir da tabulação estatística descritiva (média, desvio padrão, percentual e frequência).

Dentre as principais limitações encontradas para a realização do presente estudo foi à dificuldade na obtenção de informações corretas do questionário, bem como fator tempo para obter as respostas.

Entre as 30 pessoas pesquisadas, 20, ou seja, 66,7%, responderam que comparecem às reuniões da escola; 2, ou seja, 6,7% responderam que não comparecem às reuniões da escola e 8, ou seja, 26,7% responderam que comparecem às vezes às reuniões da escola.

De forma geral a grande maioria das pessoas pesquisadas se envolvem e se interessam pelas atividades escolares dos seus filhos e contribuem da melhor maneira que podem, conforme demonstram os gráficos acima.

Apesar da escolaridade e das faixas etárias serem diversificadas, todos os responsáveis demonstraram conhecer a importância de um bom preparo educacional para o desenvolvimento adequado de seus filhos e contam com a escola para realizá-lo.

A seguir serão comentados os dois questionários distribuídos aos professores dos alunos.

Quando questionados se possuíam alunos com problema de motivação, um respondeu que 4, ou seja 20%, apresentam e o outro respondeu que 3, ou seja 15%, também apresentam.

Quando questionados como identificam a falta de motivação através do comportamento, responderam : distração, ausência de realização de tarefas, esquecimento de material, brincadeira incessante com o material, dispersão e não permanecem em seu lugar procurando conversar com os outros alunos.

Quando questionados como motivam os alunos, responderam: trabalhos diferenciados, apresentação de vídeos, recortes, colagens, pesquisas, participação oral, monitoramento e trabalho em grupo.

Quando questionados como motivam os alunos sem motivação um professor respondeu que não tem procedimento diferenciado e o outro respondeu que procura conversar e conscientizar o aluno.

Quando questionados sobre as estratégias de supervisão da escola com relação aos alunos desmotivados, um respondeu que não havia estratégia e nem supervisão escolar o outro respondeu que existe a aplicação de estratégias diferenciadas na escola e envolver os pais nestas estratégias.

Quando questionados sobre quais as estratégias para motivar os alunos, um professor respondeu que usa aulas expositivas com material diversificado, musicalização, vídeos, dramatização e troca de livros e o outro professor respondeu que usa trabalhos diferenciados, vídeo, recorte, colagens, pesquisas e ludismo.

Verifica-se que não existe um programa estratégico por parte das escolas para lidar com o problema da desmotivação e os pais, apesar de participativos e interessados na educação dos filhos, não apresentam conhecimento dos mecanismos de percepção dos sintomas e depositam cegamente sua confiança no mecanismo escolar, que depende da iniciativa individual do professor, que não obedece a uma orientação pedagógica específica.

Conclusão

A educação necessita de uma nova forma de abordagem para eliminar o problema do fracasso escolar, ser planejada e desenvolvida para

atender às necessidades formativas dos alunos com o objetivo de torná-los capazes e preparados para enfrentar as mudanças e desafios que o progresso e a evolução social naturalmente irão trazer. Para isso, é preciso considerar que o conhecimento é uma construção individual e coletiva, e à escola cabe o papel de fornecer condições adequadas a essa construção.

Dentre os mecanismos que podem ser utilizados para a motivação da criança, um dos mais citados é o método expositivo verbal o qual pode ser muito eficiente se o professor conseguir mobilizar a atividade interna do aluno para que ele venha a se concentrar e pensar, combinando com outros procedimentos, como o trabalho independente, a conservação e o trabalho em grupo além da conjugação com demonstração, ilustração e a exemplificação, possibilitando o enriquecimento da aula expositiva. A exposição verbal é um procedimento muito valioso para a aprendizagem, pois se o conteúdo da aula é interessante para a criança, vincula-se com seus conhecimentos e experiências prévias,

Para atrair a atenção do aluno para o assunto estudado, convém estimular todos os sentidos, lembrar filmes sobre o assunto, aguçar a curiosidade das crianças pois quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de se utilizar recursos variados.

O conhecimento do progresso é um outro fator importante para a eficiência da aprendizagem, pois sem conhecer o resultado de seu esforço o aluno se desinteressará do processo de aprendizagem em que está submetido e seu rendimento será muito menor.

A avaliação enquanto parte desse processo dinamiza e regula essas aprendizagens. A organização curricular de uma escola deve se organizar de maneira flexível de maneira a diversificar o atendimento conforme as necessidades de seus alunos e assim construir uma nova prática pedagógica, rompendo com o caráter tradicional e alinhando-se às novas demandas sociais.

Nesse contexto a avaliação, deve ser coerente, e tem como função básica acompanhar o desenvolvimento do aluno, fornecendo

informações fundamentais para que o professor interprete o estágio de desenvolvimento dos alunos e direcionar a partir daí, a sua intervenção.

Conforme a pesquisa realizada neste trabalho, constatou-se que os professores trabalham de forma individualizada, contando com os seus conhecimentos individuais para lidar com o fator motivacional das crianças em sala de aula. Os pais têm ciência da necessidade do bom aprendizado e participam seguindo as orientações definidas pela instituição escolar. Verificou-se uma falha institucional com relação a uma orientação complementar que possa auxiliar na motivação das crianças que apresentam os sintomas de desmotivação, não sendo aplicado nenhum programa que envolva a escola, os pais e a criança, objetivando estimular e motivar esta criança.

Referências

ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. *Vislumbrar o futuro, com olhos no passado: os caminhos de uma escola humana.* Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acessado em: 26 de maio de 2005

BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. *Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas.* 2. ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BZUNECK, J. A. As crenças de auto-eficácia dos professores. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CALAFANGE Selene. *Dislexia e maltrato infantil.* Recife, Maio/2001. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com>>. Acessado em: 24 maio 2005.

COELHO. Ana Silvia Borges Figueiral. *Problemáticos, desmotivados e indisciplinados ?.* 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_problematicos_desmotivados.asp>. Acessado em: 26 maio 2005.

FALCÃO, Gerson Marinho. *Psicologia da aprendizagem.* São Paulo: Ática, 1985.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. *As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão social do aluno com necessidades especiais?* Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acessado em: 24 maio 2005.

GONZALES, Selma L. M. O ensino de pedologia no ciclo básico de alfabetização. In: *Geografia*, v. 9, Londrina: UEL, 2000.

HERSEY, Paul.; BLANCHARD, K. H. *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas de liderança situacional.* São Paulo: EPE, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos.* 8. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

NOT, Louis. *As pedagogias do conhecimento.* São Paulo: DIFEL, 1993.

SOUZA, Rose Keila Melo de ; COSTA, Keyla Soares da. *O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon.* 2000. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acessado em: 25 maio 2005.

TAPIA, Jesus Alonso. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.* Tradução Sandra Garcia. 2. ed., São Paulo: Loyola, 1999.

TIBA, I. *Quem ama educa.* 26. ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.

_____. *Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização,* 6. ed., São Paulo: Gente, 1998.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WOOLFOLK, Anita E. *Psicologia da educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Recebido em: 05 de março de 2007.

Aprovado em: 26 de março de 2007.